

O PACAJÁ

JORNAL LITTERARIO, RECREATIVO E NOTICIOSO.


REDACTOR — JUVITA DUARTE SILVA.

ANNO I.

DOMINGO 8 DE JUNHO DE 1862.

N. 3.

PARTE RELIGIOSA.



DIVINO Fundador do Christianismo já havia consumado a sua celestial e trabalhosa missão, já havia sellado com seu precioso sangue as verdades Evangelicas, que ensinára aos homens, já enfim tinha subido glorioso e triumphante ao Céu; para entrar na posse dos magnificos premios, que havia alcangado quando no solemne dia de Pentecostes, estando Nossa Senhora em oração com os Apostolos e outras Sanctas mulheres, eis que se ouviu um grande ruido como de um vento rijo, que encheo toda caza. Ao mesmo tempo apparecerão no ar umas linguas de fogo, que pousarão sobre a cabeça de cada um d'elles. Era o Divino Espirito Santo, que descia sobre elles. Ficarão todos cheios deste Espirito de sabedoria, e começarão a fallar differentes linguas, segundo o mesmo Espirito os inspirava. Ficarão desde então os Apostolos novos homens, e cheios de fortaleza e sabedoria forão pregar por todo o mundo a doutrina de Jezus Christo, confirmando-a com milagres, com a santidade de sua vida, e com invencivel paciencia nos supplicios e tormentos.

Eu te saúdo o dia solemnissimo, de Pentecostes! Dia em que a religião do Crucificado, que estava, por assim dizer, circumscripta de hum pequeno circulo, começou a ter um rapido desenvolvimento porque esse Espirito consolador, derramando sobre o entendimento dos Apostolos, que erão fracos, os transformou em astros luminosos, que diffundirão a luz do Evangelho por todos os paizes, e até as praias mais inhospitas. Muito embora os

Cesares desembainhem a sua espada de fogo, muito embora a idoladria com o seu terrivel cortejo de males apresente suas medonhas difficuldades os Apostolos de Christo enriquecidos com os dons celestiaes de sapiencia, entendimento, conselho, fortaleza & e animados e acompanhados pelo Divino Espirito Santo pela terceira Pessoa da Trindade Sanctissima, não recuão um só passo, e marchando inpavidos pela terra infectada de crimes, a renovão, regenerão os homens, convertem por sabios de paganismo, e tem o valor de entrar em triumpho em Roma com a cruz do Salvador, e batendo no Capitolio, derribão os idolos, levantão um altar, o consagração, e a cruz ahí collocada attrahe a attenção dos imperadores, que dizem assombrados, como he que uns miseraveis pescadores, ousão ensinar uma religião tão contraria aos nossos interesses? Era o Espirito Sancto, Deus como o Pae e o Filho, era o amor divino que a elle especialmente he attribuido, quem operava esses milagres. Que momentos preciosos esses em que o Divino Espirito desce a terra para renova-lo. Que Graças tão incompreensiveis concedo aos pregadores das verdades eternas! Que suaves comoções sentem os Apostolos que já não podem conter dentro de seos peitos as torrentes de doçuras, e por isso dezejão reparti-las com os homens! Ide sim homens celestiaes; o Divino Espirito não quer abandonar-vos; vós começais agora avossa pasmosa obra, que ha de atravessar os seculos; soffrereis sim, porem crede no Espirito Santo, que ha de illuminar-vos sempre, e a Igreja ha de firmar-se como a rocha.



Litteratura.

PEDRO DE CORTONE.

—TRADUÇÃO DE SOARES.—

Um joven pastor de doze annos abandonou um dia o rebanho que havião confiado a sua guarda, e foi a Florença onde elle não conhecia ninguem, a não ser um moço de sua idade quasi tão pobre como elle, e que, como elle, tinha sahido da villa de Cortone, para servir na qualidade de moço da cozinha do cardeal Sachetti.

Foi um fim mais nobre que conduzio Pedro á cidade de Florença: elle sabia que ali havia uma academia de—bellas, artes uma êschola de pintura, e o joven pastor queria ser pintor.

Pedro parou á porta do palacio do cardeal sachetti e esperou com paciencia que camarada Thomasso. Esperou muito tempo, alfim chegou o momento tão desejado da entrevista. « Ora eis-te ahi, Pedro ; e que vens tu fazer a Florença ? Venho aprender a pintura.— Tu farias muito melhor em aprenderes como eu a cozinha; ao menos ha certeza de não morrer-se de fome.

—Comes tu pois a qui a teu contento ? lhe disse Pedro.—Eu creço bem, respondeo o moço da cozinha; está só em mim o ter indigestões todos os dias.

—Neste caso, continuou Pedro, nós poderemos nos entender ; como tu tens demaziado e eu não tenho o necessario, eu te trago o meu apetite, tu medarás tua cozinha, e nós viveremos bem.— A proposta me agrada, disse Thomasso.— Pois amim agrade-me mesmo já. repetiu Pedro ; pois visto que não jantei, nós vamos comessar desde agora o estabelecimento que te vinha propôr. »

Thomasso fez subir as escondidas o joven Pedro as aguas-furtadas onde elle o deitou, lhe offereceu a metade de seu pobre colchão, e lhe disse que esperasse, visto que elle não tardaria a voltar com alguns restos do jantar de monsenhor.

Não necessita dizer-se se o banquete foi divertido; Thomasso tinha um coração excellente, e Pedro um appetite infernal.

Pedro não tinha nem meios de comprar lapis e papel ; Thomasso não recebia ainda ordenado ; mas os muros das aguas-furtadas erão brancos; Thomasso fornecia ao artista mais carvão do que elle podia gastar para debuxar seus esboços, e Pedro se poz covajosamente a encaryoar as paredes.

Thomasso conseguiu arranjar uma moédinha de prata; então grande alegria: o artista teve lapis e papel. Sahia ao romper do dia, ia estudar os quadros nas igrejas, os monumentos nas praças, as paysagens nos arredores de Florença ; e á noite com o estomago vazio, mas o espirito bem nutrido de tudo o que tinha visto, entrava furtivamente nas aguas-furtadas, onde elle era sempre certo de encontrar seu jantar prompto e escondido por Thomasso sob a palha do colchão, mais, por conservar a comida quente durante a auzenia de seu pensionista, do que por se furtar a vista dos curiosos.

Logo, sob dezenhos mais correctos, desapareceo a encaryoagem das paredes. Pedro tapizou com seus esboços mais perfectos o quarto onde a amizade de uma criança lhe valia um tão generoso azilo.

Um dia o cardeal Sachetti, que mandava renovar seu palacio, visitou com o architecto os altos, onde

talvez elle nunca tinha subido ; entrou no quarto do moço da cozinha.

Pedro tinha sahido, mas seus numerosos dezenhos testemunhavão laborioso trabalho do joven que habitava esta morada ; o cardeal, e o architecto forão surprezos do merito daquellas obras. Julgou-se a principio que fosse Thomasso o author, e monsenhor o mandou chamar para dar-lhe os parabens de suas felizes dispozições. Quando o pobre Thomasso soube que monsenhor tinha entrado nas aguas-furtadas e que tinha visto o que elle chamava garatujas de seu amigo Pedro, se julgou perdido.

« Tu não és mais do numero dos moços de cozinha, » lhe disse o cardeal, que ignorava que o rapaz tivesse um pensionista. Thomasso, equivoco sobre o verdadeiro sentido de suas palavras, imaginou que o cardeal o expellia de suas cozinhas; então o pobre rapaz, que via sua existencia e a de Pedro muito comprometidas por aquelle acto de justiça servera, se lançou aos pés de seu amo, e lhe disse chorando: « Ah ! monsenhor, que será de meu pobre Pedro se vós me despedis ! » O cardeal exigio a explicação daquellas palavras que elle não comprehendia, e eis como elle soube que os dezenhos tinhão sido feitos por um pobre pastor que Thomasso sustentava em segredo á dois annos. « Quando elle entrar esta tarde, tu o levarás á minha prezença, » disse o cardeal rindo-se ainda do seu equivoco, e dando um generoso perdão a Thomasso.

Essa tarde o artista não appareceu no palacio do cardeal; passarão-se dois dias, quatro, e oito quinze sem que se ouvisse fallar de Pedro de Cortone. Emfim o cardeal, que se entereçava vivamente da sorte do joven artista, chegou a saber que havia quinze dias, os caridosos monges de um convento isolado tinhão a colhido e retião entre elles um desenhista de quatorze a quinze annos que lhes tinha ido pedir permissão de copiar um quadro de Raphael que estava na capella do convento: este joven era Pedro. Foi reconduzido ao palacio do cardeal, que, recebendo-o com bondade, o collocou em uma eschola dos melhores pintores de Roma.

Cincoenta annos mais tarde, havia dois velhos que vivião como irmãos em uma das mais bellas cazas particulares de Florença. Diria-se de um: este è o melhor pintor de nossa época; diria-se do outro: Este será o exemplo dos amigos em todos os tempos.

Horas de amor.

FOLHA SOLTA.

Brame, ó tempestade brame !
Tem encantos o teu rugir .
Embóra o mundo mais ame
Dos astros brandos luzir.
Falla, falla-me de horrores ;
A terra leva-lhe flores ,
Rouba as estrellas ao ceu !
Que appareça a natureza
Sem misterio sem belleza !
Cubra tudo escuro veu !

Silva Ferraz.

I.

Silencio ! . . atempestade começa a rugir !
Medonha escuridão cobre os bosques, e rolão no negro céu pesadas nuvens ! . . Horrivel e violento furacão, parece querer destruir a terra !

Furibundo vendaval sopra furioso... os vagalhões turbulentos e desemfreados arremeção-se á terra como querendo tragal-a ! tudo conspira-se contra a natureza que jazia calma !

Os ribombos horrendos dos trovões echoão pelos vales, e vão abalando as montanhas e os relampagos se erusão nos ares...

Tudo abala ! tudo pasma... tudo assombra e gella !

E o rugir do mar, o zunir da tempestade, os fogos dos raios... tudo brada—Deus !

E os estampidos dos trovões repercutindo nas montanhas faz ainda ellas echoarem essa palavra sublime—Deus !

II.

Oh ! Zizina quantas inspirações vagueia-me na mente abrasada como um volcão. quanta poesia não encerra a magnanima obra da natureza !...

Lá naquelles mares naquella vasta solidão de negras e medonhas vagas onde em cada olhar encontra-se aberto um tumulo no grande reino de Neptuno, as orações dos nautas sem rumo, vendo perdido seu baixel em alto mar, essas preces fervorosas elevadas de corações arrependidos chegam ao grande áuctor da natureza.

Aqui ajoelha-se uma virgem negligentemente vestida implora constricta perdão !

—Ceus ! exclama ella sentindo o rumor da queda de um raio que derruba o soberbo cedro alem das montanhas !

E eu Zizina amada, inspirado por essas agitações do universo principio a escrever esta pagina que ha muito te prometi... Perdão ó grande Deus !... se esta voz, parece uma blasfema... porem não... deste-me um coração, infundiste n'elle uma essencia divida e pura e ensinaste-me a amar... perdão porque elle é puro, como é puro o lyrio das campinas !...

III.

Zizina á vontade de não escrever-te as paginas que te prometi é muita eu te confesso... E mesmo para que podes querer as paginas arrancadas de meu coração, se nellas só existem saudades e goivos myrrados pela tempestade da vida ?...

Que quererás fazer d'ellas ?

Terás animo de abrires o livro de minha alma e leres as paginas negras escritas com sangue... tentarás decifrar as palavras—amor o morte—escritas nesse livro ?!

Não !... não podes ver o fel que elle contem... n'elle não ha flores nem risos porque o sopro do desengano os levou... ha só luto e este não pode misturar-se com galas... já visto, por ventura onde ha lagrimas de dor, haver riso de praser ?!

Não, não queiras ler as paginas negras de meu livro... eu te pesso, não queiras provar o fel horrivel que n'elle existe... por que isso matar-me-hi.

Para que recordar tristeza si eu já sou tão triste ?

Escuta : contenta-te com a narração que vou fazer-te dos sonhos ledos que outr'ora, me douravão o quadro da vida ; contar-te-hei tambem os sonhos em noite de febre com a mente abrasada nas chamas ardentes de um amor louco ; con-

tar-te-hei meus queixumes onde bem podes ver o amor onde se limite.

O amor Zizina, é uma essencia divina emanada do Ente Supremo e tão pura como elle mesmo.

Aquelle que nunca amou verdadeiramente com todo o fogo santo que elle inspira, não pode nunca sentir o affecto que elle transmitta á creatura.

O verdadeiro amor, nunca poudo conceber outra ideia senão—pura e divina—pois nem mesmo podia deixar de ser assim, pois é originada pela Divindado do creador, da natureza que tambem é o seu soberano author.

E infeliz é aquelle Zizina que não ama como deve amar ; infeliz se converte esse dom precioso do Creador que faz o homem remontar suas ideias a regiões heterias que o faz enviar seu espirito pelo espaço infindo procurando um novo reino, um novo paraizo, um novo throno, uma nova vida, novos praseres para offerecer a mulher enviada pelos céos para gosar com elle essas dilicias ; infeliz porque transformando-a em lethal veneno offerece-a á libar a taça transbordando esse veneno á mulher, que lhe surriu, que lhe appareceu bella como um anjo, pura como adivindade, livre como o pensamento innocente como a pomba.

Ah ! Zizina quanta differença não existe entre o licor embriagante por sua pureza, com o fel venenoso e mortificante !

O primeiro e mandado por Deus, coloca seus sectarios em um paraizo de dilicias onde disfructão eternamente o dom dessa essencia.

O segundo transformado por SATAN na figura de de um homem silingornio descido dos infernos coloca a victima que libou na taça o licor infernal, sobre a barra de um tribunal horrivel, onde soffre a vergonha, angustia, o desprezo dos espectadores onde derrama arrependida lagrimas de sangue, onde vê apopulaça lançar-lhe um riso sarcastico e de escarneo e apontar-lhe com o dedo—miseravel !

Felizes somos nós Zizina amada, porque nos amamos como o mesmo fogo, porque nos amamos com verdadeiro amor e puro, tal como o recebemos do Creador.

Felizes somos nós porque nosso amor é extingui-vel e igual á elle não pode haver outro !

Qu'importa se um dia a tempestade reina em nosso coração ?... se um dia a sorte invejosa de nossa ventura cobre de luto nossas almas ?

Por ventura essa tempestade, esse luto não será originado do estremo zelo de um amante !

E onde tem elle origem ?

Não será no mesmo amor, nessa essencia divina e pura quando ella se acha ainda possuida daquelle verdadeiro fogo ?

E a prova Zizina, eu te mostro :

Olha, vê aquelle clarão que lá desponta, naquelle bello horisonte ? é um novo astro, que se assimilha a este sentimento de amor que nos faz tão felizes, que nos dá a paz as nosas almas. a nosos corações é elle o arco iris que a pos a tempestade vem annunci- ar a bonança.

Eu te saudo ó Arco da alliança !

A pouco Zizina, o furacão parecia derubar a terra, achuva estalando nas calçadas, os raios crusando-se nos ares, os ribombos dos trovões pelas montanhas... em fim tudo aterrava a humanidade !... mas agosa lá s'ostenta fagueiro o arco da alliança !

E a natureza outra vez voltou á calma !

E a assim é a tempestade de nossas almas.

III.

Não avalias qual o sentimento que agora nutro por não poderes collocar tua mimosa mão de jaspe sobre meu peito, para sentires o palpar travesso de meu coração, neste momento que escrevo essas lunhas.

E que ideias fazes deste palpar? Attende que não é o mesmo palpar d'aquella tarde serena, em qua te contemplei bella e candida como um seraphim.

Aquelle era poetico e medroso; mas este agora é nascido de uma virtude tambem pura como o osculo d'essa tarde.

Era de tarde, me lembro
Estavas tu junto amim,
Bem longe do mundo triste,
Em um formoso jardim,
E eu ardente de amor,
Um osculo doce e suave,
Dei-te dos labios aflôr.
E tu coraste, e da rosa
Arucra cor assumou
A tua face mimosa,
E assim quasi divina
Quasi anjo, quasi Virgem
Vendo-te se allucina,
Muh'alma, e todo fogo
Um outro beijo te dou,
Mas qual ferida tu logo
Dexas de mim a fugir,
E que talvez no luzir
Dos meus olhos o no ancio
De meu seio suspeitasse,
Que eu 'stava louco, e o recio
A fugir de mim te levasse.

— Talvez me pergintes porque elle palpita agora?
E eu te responderei: porque sente tua ausencia, pelo effeito da saudade, e pelo desejo de outro osculo.

Desterro, Maio de 1862.

CATHARINO CALENO.

Variedade.

O CIUME.

O Ciume é o calvario do amor.

* * *

E' o veneno que actua sobre o coração mais fraco; e que deve a existencia á susceptibilidade de uma rasão pouco esclarecida.

* * *

E' uma lima com que o amor desgasta o coração sensível.

F. Eleuterio.

E' o crysol do amor.

Bracarencis.

E' um busca-pé que muitas vezes faz fugir o travesso Cupido.

Taviju

PENSAMENTOS.

Em amor a mulher virtuosa dis : Não ; a apaixonada : Sim , a caprichosa : Sim e Não ; a coquette : Nem sim, nem não.

Charles Bernardes.

*

O mundo é o mar que raras vezes se mostra sereno.

St. Agostinho.

*

A belleza sem graça é um anzol sem isca.

Ninon de Lençis.

POESIA.

DOR.

Correi, amargas lagrimas,
Das palpebras caçadas,
Deixai-me os olhos humidos
Das dores já choradas;
Correi nas faces pallidas,
O' lagrimas de dôr!
Já lá foram-se os canticos
D' alma felicidade;
Delles agora resta-me
Sómente uma saudade
Passaram como os zephiros
Pela fanada flôr.

Lá foi-se a canção tímida.
De tempos mais ditosos;
Meu coração lacera-se
Em transe dolorosos,
E seccaram-se as lagrimas
Dentro dos olhos meus:
Olhares, risos tímidos
Poderam enganar-me,
E mil palavras perfidas
A cabam de prostar-me:
Mas uma esp'rança fica-me
Depositada em Deus

N.

Desterro

Typographia Catharinense
de Germano Antonio Maria Avolim. Rua Augusta
N. 23. — 1862.